



Entrevista

Jorge Nóvoa: Quais são seus sentimentos e expectativas de estar aqui em Salvador? Como você vê a movimentação em torno do cinema por ocasião do 4º Seminário Internacional?

Abderrahmane Sissako: Eu estou muito feliz de estar em Salvador, porque acima de tudo eu sou africano. Eu conheço um pouco da história do Brasil, e foi através dela que me apaixonei pelo país. E particularmente a cidade de Salvador é simbólica, e muito importante para a diáspora africana. Então, eu me sinto um pouco em casa quando estou aqui, o que me deixa bastante emocionado. Esta não é minha primeira visita a Salvador. Eu já estive aqui há sete anos atrás, e voltei várias vezes, para ter a oportunidade de reencontrar a cidade e o povo de Salvador. Esta é a minha sexta vez aqui, convidado pelo Seminário Internacional de Cinema, uma oportunidade de dialogar com as pessoas que fazem cinema no Brasil. Estar aqui é uma oportunidade de intercâmbio. Pois cada viagem, para mim, é um intercâmbio, uma troca. Cada encontro com um povo, um país, é um reencontro. E cada vez que estou aqui é uma oportunidade de aprender, de levar alguma coisa, cada vez que venho a esta cidade eu aprendo alguma coisa.

JN: Onde você nasceu? Como era a vida em seu país, e o que fez você mudar de país?

AS: Eu vim África, que é um continente muito diversificado, formado por muitos países, cujas fronteiras foram herdadas da colonização. Então eu nasci na Mauritânia, que é um país da África do Oeste, e cresci no Mali, que faz fronteira com a Mauritânia. Depois de meus estudos secundários, no Mali e na Mauritânia, fui estudar cinema na União Soviética, atual Rússia. A União Soviética, que hoje em dia não existe mais, recebia muitas pessoas que vinham da África, da América Latina, para estudar. Eu fui, com 19 anos, ou pouco mais, para a União Soviética para estudar cinema durante sete anos. E depois dos meus estudos em cinema eu comecei a fazer meu primeiro filme, um curta metragem, depois um média... E, aos poucos, após um longo processo, e diria que estou na profissão há uns 20 anos, mais ou menos. E hoje eu faço filmes, e vivo por isso e para isso, que é o que me interessa. Depois da União Soviética não retornei para casa, pois não seria fácil fazer um filme no meu país, onde não havia uma política real de apoio à cultura e ao cinema. Então fui para a França, onde me instalei para trabalhar. Hoje em dia eu trabalho na França, mas eu vivo

praticamente na África. Eu digo que eu resido na França e vivo na África. E isso é compreensível. É compreensível.

JN: E qual foi a importância dessa escola de cinema para você?

AS: Bom, essa escola foi uma oportunidade. Porque era um lugar de encontros e de trocas permanentes. Essa escola, para mim, foi uma grande abertura sobre o mundo, sobre a arte em geral, sobre a cultura. Mas o que foi importante para mim era o que o outro podia me dar. Porque toda cultura é rica, e a definição da cultura é a riqueza por excelência. Não existe cultura mais rica do que a outra. E eu estou aberto a todas as culturas que eu não conheço para tentar aprender um pouco. E eu creio que esses intercâmbios que aconteceram, que eu pude ter na União Soviética, eu creio que eles têm um lugar importante também. Mas a escola é também a vida. E mesmo depois da escola você começa em outra escola, que é o trabalho.

JN: Você gosta do cinema soviético antigo, Eisenstein, Dovjenco, Vertov?

AS: Claro. Dziga Vertov, Romm, Mikhail Romm. Os russos, a União Soviética, são donos de um patrimônio mundial de filmes incríveis. Eisenstein, é o mestre do cinema, que mostrou a humanidade. Dojvenko também. Então é um cinema que é fundamental que seja visto por todo o mundo. Mas na escola de cinema seguíamos outra cinematografia. Então nós víamos nesse curso o cinema americano, John Ford, o cinema europeu também, todo o neo-realismo italiano. Afinal, uma escola deve se abrir ao mundo.

JN: Você militou em algum partido político comunista ou socialista?

AS: Não, eu não militei em nenhum partido político. Mas militei, talvez, como um jovem estudante que lutava por justiça, que pensava que o mundo não caminhava bem, e que era preciso mudar as coisas. Eu ainda acredito que é possível mudar as coisas. Porque acho que o mundo não vai bem, cheio de injustiças, um mundo rico, mas onde a riqueza é mal dividida. Eu já tinha esse sentimento quando era criança, e até fiz algumas revoluções na escola. E na minha lembrança, desde cedo, aprendi muito com meu pai, um homem simples, que também buscava justiça e queria que seus filhos pudessem também lutar por justiça. Foi assim que comecei a militar. Mas eu não militei em nenhum partido político, e logo depois comecei a estudar cinema. Hoje eu sou um artista, e exerço um papel político para o meu país. O cinema que me interessa é um cinema engajado, um cinema que fala de homens e mulheres de uma maneira justa, que fala sobre a magnitude do povo, das pessoas. A África é um continente, infelizmente, pouco conhecido. Um continente conhecido unicamente através da mídia ocidental, da televisão, um veículo que mostra uma visão, de maneira geral, muito superficial. Quando se fala na África, se pensa em um continente de guerras, de fome, e a África não é isso. Claro que existem problemas. Mas a África é também um continente muito dinâmico, com pessoas que lutam cotidianamente, pessoas que escrevem livros, que fazem filmes, e que tentam mudar esse cotidiano, mesmo que a situação esteja difícil. Então essa África existe. Para mim, o que é importante em meu trabalho com o cinema é tentar narrar a existência dessa consciência política.

JN: *Você nunca renuncia à dimensão política da estética do cinema?*

AS: A dimensão política é incontornável para mim. Porque quando se é de um país, um continente, onde são feitos muito poucos filmes, e quando se tem a possibilidade e a chance que eu tenho hoje de fazer essas coisas, eu creio que minha prioridade é defender meu povo, falar do meu povo, de suas aspirações. E nós não podemos hoje em dia falar de aspirações, de lutas, sem ser político. É essa a política que me interessa. É a política que combate não um "inimigo físico", mas que luta para mudar as coisas, porque nós podemos mudar as coisas.



JN: *Eu me lembro que seu filme, muito politizado, conta a história do julgamento da dívida externa do Mali, e da África, onde os personagens decidem, finalmente, realizar um processo contra o Banco Mundial.*

AS: Efetivamente, Bamako fala sobre um processo que é improvável, impossível hoje em dia. Esse é, particularmente, um "filme-processo", um processo, que seria impossível, contra o Ocidente, e isso basta. É suficiente impor uma política que faz sofrer milhões de pessoas, que é uma hipocrisia. E há ainda uma certa violência, que existe nas pessoas, nas cidades, nos países. A violência chega muito repentinamente, quando as pessoas não sabem o que mais podem fazer, quando a riqueza é mal dividida, essa é a realidade. Eu penso que é muito importante mostrar verdadeiramente a situação do continente africano, que é também a situação da América do Sul. Essa política do Banco Mundial e do FMI, que nós vivemos há 25 anos, é um sistema de desenvolvimento imposto ao povo, com promessas de que vão mudar a vida das pessoas, e nós nos damos conta de que depois de 25 anos as pessoas estão mais e mais pobres, mais e mais doentes. Isso quer dizer que as coisas não estão caminhando, é um sistema que rouba a riqueza das pessoas. As multinacionais, praticamente, se tornaram as gerentes dos países. Então nossa soberania praticamente não existe mais. Para mim é muito importante lutar contra essa política do Banco Mundial e do FMI que, para auxiliar os países a se desenvolver eles emprestam o dinheiro que os países precisam. Então os países se endividam com o próprio dinheiro que o FMI lhes oferece, que é a condição para o empréstimo. Assim, a condicionalidade da dívida foi o verdadeiro entrave do desenvolvimento dos países africanos. Como eu quis falar sobre isso, criei esse processo ficcional que tenta mostrar as injustiças que nós vivemos.

JN: *Você pode falar do modo como escolheu os atores do seu filme? Nós vemos que você utiliza atores profissionais e amadores ao mesmo tempo, pessoas que estão nas ruas em função de suas profissões e atividades, que passam e se tornam atores.*

AS: Em meu país o teatro não é muito desenvolvido, não se faz muito cinema, não há escolas de cinema, e por isso há poucos atores. Mas quando se faz um filme, é possível utilizar atores não-profissionais. Como é feito em certos filmes brasileiros onde pessoas que não são atores são trabalhadas e treinadas para atuar. E o cinema é o quê? É a transmissão de emoção, e eu creio que cada pessoa pode transmitir sua emoção. É preciso criar uma relação de confiança entre o diretor e a pessoa que ele escolheu para atuar. Essa relação de confiança existe quando se compartilha um pouco o trabalho que se faz junto. E a emoção que surge toca as pessoas.



JN: *De certa maneira, sua experiência com o cinema sempre retorna ao mesmo ponto. Não há uma estética neutra. A estética do seu cinema em particular é a estética do combate. Não é um cinema publicitário ou panfletário, pois seu cinema fala de política, mas não de forma panfletária. Seu filme fala da dívida externa, do Banco Mundial, sem fazer um cinema de propaganda. Ao mesmo tempo é um cinema educativo, há essa dimensão pedagógica.*

AS: Eu não quero fazer um cinema que vá me tornar milionário, que me faça ganhar muito dinheiro, isso não me interessa muito. O que me interessa é ter a chance de ter uma função, exercer um papel para meu país, para meu continente, e isso é o mais importante. Eu creio que muitas pessoas já fazem isso, eu não sou o único na África. Eu compreendo que é preciso criar um outro cinema, um cinema que não seja apenas de entretenimento que tem sua linguagem, que é um cinema de consciência. E é por isso que eu penso que para mudar é preciso fazer um trabalho de conscientização, uma verdadeira conscientização da sociedade civil, vigilante, que possa se educar cada vez mais, que possa lutar, se impor. Então a democracia pode ajudar muito a sociedade, quando uma verdadeira democracia é implantada. Quando há liberdade de voto, quando o povo pode ir às urnas. A política ocupa uma posição muito frágil, e não se pode fazer tudo o que se quer. Esse sistema democrático começa a se instalar pouco a pouco nos países africanos, e, portanto, há esperança de mudar esse problema da corrupção.

JN: *É por isso que seu filme antes de Bamako se chama À espera da felicidade? Fale um pouco desse filme.*

AS: Em resumo, *À espera da felicidade* conta a história de um jovem que vai partir para a Europa. Ele vai fazer uma viagem de estudos. Ao contar o sonho desse jovem que vai partir para o estrangeiro, eu tento mostrar que a felicidade não é uma coisa que está em outro lugar. A felicidade está lá, lá onde ele nasceu, e é preciso viver onde ele nasceu. Essa também é a realidade da África. A África não é um continente que sofre, como se tende a dizer. É um continente onde há vida, há alegria, onde há beleza também. Eu sinto que não há um mundo feliz e outro infeliz. Acho que um depende do outro. Onde há um feliz, há outro infeliz. Não se pode dissociar as coisas. Acho que a felicidade de todo ser humano é garantir sua sobrevivência, é ter filhos que se desenvolvam, que possam ir à escola, que tenham um futuro, um futuro certo. Quando o futuro não é certo, não se é feliz. É essa a realidade que pela qual, de fato, eu me interesso. E nós devemos fazer dessa história uma força real.

JN: *É importante que as pessoas saibam que você teve o apoio da Tv Arté, o canal de televisão francês com mais prestígio. Você poderia falar um pouco sobre essa parceria?*

AS: Eu acho que, de modo geral, na França há uma política real de apoio à cultura, e ao cinema, particularmente o cinema francês. A produção cinematográfica caminha, o estado ajuda a quem quer fazer um filme. Isso existe de verdade na França, um país que produz muitos filmes se comparado a outros países europeus que têm dinheiro, mas que não têm esse tipo de política. Então esta política está no centro das coisas, e quando você quer mudar a realidade, é preciso criar uma lei, criar uma verdadeira política. E essa política criou esse canal que se chama Arté, um canal franco-alemão voltado para a cultura. Um canal que permite aos artistas uma vitrine para seus filmes, que não são facilmente financiados por grandes bancos, por grandes empresas. O canal permite a essas pessoas uma outra expressão, uma diversidade cultural. E eu tive a oportunidade de trabalhar com eles desde que comecei a fazer meus filmes. Filmes que se passam na África, e que são filmes políticos. Essa visão de mundo é compartilhada por eles.

JN: *Você fala da importância da universidade se apropriar da arma que se constitui na câmera. Então eu gostaria que você falasse da importância de se ter uma escola de cinema em Salvador, pois até hoje nós não temos uma escola de cinema.*

AS: Eu penso que a cultura deve ser a verdadeira prioridade de um governo. Porque a cultura é uma parte integrante de todo desenvolvimento. Não de um desenvolvimento em curto tempo, mas a longo prazo, que é o importante. Então hoje é importante que haja um verdadeiro apoio à cultura, que haja um apoio à criação artística, notadamente o cinema, pois a imagem tem algo de importante, a imagem viaja muito rápido e chega a todos os lugares. E é importante que essa arma cinematográfica, que é a câmera, una as pessoas em torno da realidade cotidiana de outras pessoas. É por isso que é preciso descentralizar a formação, democratiza-la, torná-la mais aberta e mais acessível a uma geração que é completamente desprovida de poder. Esse não é apenas o caso do Brasil, mas na África

também vivemos essa situação. E nós somos conscientes dessa situação. Eu procuro transmitir essa consciência, que existe, certamente, mas é preciso fazê-la ter efeito. É preciso que haja mais formação, que haja pequenos centros de formação, é preciso que um menino saiba que ele também pode filmar com uma câmera, que ele também pode captar o som, que ele também pode contar suas histórias, pois ele vive histórias que são fundamentais para ele, ele pode contar as histórias de seu pai, de sua mãe, de sua irmã, mesmo que elas se passem em uma parte pobre da cidade. Então é preciso que a cultura vá em direção ao outro também. As histórias não precisam ser apenas sobre grandes acontecimentos, fatos magníficos. E o papel das instituições, o papel dos líderes políticos, é democratizar essas medidas, ao contrário dos que acham que não podem mais acreditar. Eu acho que a cultura permite criar essa esperança nas pessoas. Um povo que não tem esperança, uma juventude que não tem esperança, é uma juventude perdida. E quando uma juventude é perdida, forçadamente ela se torna violenta. Ela não crê mais em nada. Então nosso papel, como adultos, como intelectuais e políticos, é fazer com que as pessoas acreditem que há esperança. Eu sempre pensei que a imagem é uma arma da qual eu posso me apropriar para poder contar a vida das pessoas, poder falar do meu país, do meu continente.

JN: Para poder mudar alguma coisa?

AS: Para poder mudar alguma coisa. Eu acho que nós podemos mudar. E quando eu digo que podemos mudar, mesmo apenas uma pessoa que vê um filme que nós fizemos, e que desenvolve alguma impressão, é uma mudança que nós provocamos. Não se trata de tomar a Bastilha. Não é dessa forma que podemos mudar as coisas, mas há uma mudança de mentalidade que é muito importante. E eu creio que a grande crise que a África enfrenta impossibilita que nós acreditemos em nossa própria imagem. Pois é um povo que não produz suas próprias imagens por si mesmo. Não é um povo que está verdadeiramente se desenvolvendo. E este preconceito é o mesmo que existe no Brasil, um país enorme, com uma grande comunidade que não teve a oportunidade de poder contar suas próprias histórias também. Aqui há este cinema popular, a telenovela, que contam as histórias de forma superficial. Mas a vida das pessoas não é a superficialidade. A vida das pessoas é saber o que vai fazer amanhã com seu filho, que são as questões importantes da vida. Então é preciso fazer a juventude se interessar pela sua cinematografia, pelo seu cinema, para que eles possam contar suas histórias. Porque alguém que não consegue falar de si mesmo não pode se ver projetado, representado. Um pai, mesmo que seja um vendedor de coco na praia, é uma pessoa que tem uma identidade, uma personalidade, e que tem um valor. Não é somente alguém que dirige um grande automóvel, ou que pilota um avião. Não. Então é preciso conscientizar as pessoas. E o cinema que nós procuramos é um cinema educador, também. E é importante que a universidade se aproprie também desta arma que é realmente a câmera. Hoje é extremamente importante construir uma verdadeira ponte entre a África e o Brasil, pois o Brasil é também um continente. E é preciso que essa ponte seja construída não apenas entre governos, é preciso construí-la na base, entre os povos. Porque os brasileiros sabem de onde eles vêm, e isso é muito importante. Não se trata apenas de se

glorificar desse passado, mas simplesmente de conhecê-lo. Não significa saber que essa história vem de um continente que é completamente miserável hoje em dia. Não. Eu creio que é uma força. Então é importante criar essa ponte dinâmica. Pois hoje em dia o que é a globalização? É isso, de fato. E se o Terceiro Mundo, o Brasil, a América Latina, a África, e parte da Ásia, devem se tornar de fato uma força. Pois há uma linguagem comum entre eles. E em algumas partes há um sofrimento que é comum também. É importante fazer isso. E a arte pode estabelecer essa ponte.

JN: É uma última questão. Você está em Salvador. O que você mais gosta nessa terra?

AS: Eu diria que, primeiramente, lamento não saber falar o português (mas você vai aprender). Eu vou aprender. Mas o fato de não falar a língua... (quantas línguas você fala?) Eu falo francês, russo, inglês, bambara. Mas é uma língua que quero aprender para poder realizar todos os contatos possíveis com as pessoas daqui, mas não somente com o povo de salvador, mas de outros lugares. Mas eu amo muito esta cidade. E eu me sinto em casa aqui. Eu quero aprender muitas coisas, quero contar coisas, e quero oferecer coisas também.

